**IDENTIDADES LEITORAS DE SUJEITOS BALEANOS: REPRESENTAÇÕES, TRANSFORMAÇÕES E FLUIDEZ**

Maria Gorete Paulo Torres

Doutorando do PPGL/CAMEAM/UERN

[goretetorres@hotmail.com](mailto:goretetorres@hotmail.com)

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Professora Doutora do DE/CAMEAM/UERN

[malupsampaio@hotmail.com](mailto:malupsampaio@hotmail.com)

Ananias Agostinho da Silva

Professor Doutor da UFERSA

[Ananias.silva@ufersa.educ.br](mailto:Ananias.silva@ufersa.educ.br)

Antônia Moraes Leite Costa

Doutora/ Universad Americana/Asunción/PY

[Antoniamorais46@yahoo.com.br](mailto:Antoniamorais46@yahoo.com.br)

**Resumo:** O trabalho que ora apresentamos tem como objetivo principal analisar as possíveis identidades leitoras de sujeitos do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura na Escola/BALE-FRUP, procurando considerar o processo transformativo que esses sujeitos vivenciaram durante suas participações em ações de mediação de leitura no programa. Especificamente verificamos como os sujeitos se definiam/definem, em relação à leitura, antes de entrarem no programa e depois de participarem de ações realizadas pelo BALE-FRUP. Para isso, nos ancoramos nos estudos de Bauman (2003/2005), Bhabha (2013) e Stuart Hall (2006) para refletir sobre questões que envolvem a identidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, além de se configurar como uma pesquisa descritiva e interpretativa. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, pelo fato de se trabalhar com material escrito de primeira mão. Para sua realização utilizou-se a indução como procedimento de análise, e o *corpus* se constituiu de memoriais escritos pelos sujeitos pesquisados. Os resultados apontam para o fato de que tais baleanos antes de ingressarem no BALE-FRUP não apresentavam identidades leitoras e que após participarem das atividades desenvolvidas pelo programa vivenciaram momentos de transformações, fluidez e consequentemente passaram a se constituírem de identidades leitoras.

***Palavras-chave:* identidades; sujeitos; leitores; transformação; BALE-FRUP.**

**INTRODUÇÃO**

As questões sobre identidades têm sido analisadas, discutidas, refletidas em muitos setores, principalmente no âmbito acadêmico. Muito se tem questionado quem são os sujeitos os quais pesquisamos, nos relacionamos, convivemos, atuamos. Isso porque na modernidade tem sido muito difícil definir as identidades existentes. Na verdade não sabemos se isso é possível.

Pensando nessas questões resolvemos pesquisar acerca da temática em pauta, e neste trabalho nos detemos a analisar as possíveis identidades leitoras de sujeitos do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas/BALE, mais designadamente na equipe da cidade de Frutuoso Gomes-RN, ou seja, do BALE-FRUP, procurando considerar o processo transformativo que esses sujeitos vivenciaram durante suas participações em ações de mediação de leitura no programa. Especificamente verificamos como os sujeitos se definiam, em relação à leitura antes de entrarem no programa e depois de participarem de ações realizadas pelo BALE-FRUP*.* Nosso *corpus* se constitui de dois memoriais de leituras. Um construído por um adolescente, e o segundo por um jovem, os quais participaram/participam como voluntários do Programa BALE-FRUP. Na análise dos referidos memoriais, nos preocupamos em compreender a identidade dos sujeitos leitores e todo o processo da possível transformação dessas identidades, levando em consideração as ações vivenciadas/realizadas por eles no programa.

Caracterizamos esta pesquisa como qualitativa, já que a mesma procura compreender a relação entre a leitura e o sujeito (no caso aqui em foco os baleanos), já que compreendemos que mundo e sujeito nutrem um vínculo indissociável. Consideramos ainda, que a mesma pode ser caracterizada como uma pesquisa descritiva e interpretativa, pois realizamos uma descrição dos dados obtidos através dos memoriais do adolescente e do jovem. Ainda consideramos esta pesquisa como documental, pelo fato de trabalharmos com material escrito de primeira mão. Adotamos o método indutivo de análise dos dados e nos ancoramos em estudos Bauman (2003/2005), Bhabha (2013) e Stuart Hall (2006) para refletir sobre questões que envolvem identidades.

**2 RELFETINDO SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE**

Na contemporaneidade tem sido muito difícil construir um conceito para a palavra identidade. Isso porque compreendemos a existência de muitas identidades, dentre as quais podemos citar a cultural, a social, a econômica, etc. Além de que alguns estudos têm acenado para as múltiplas identidades que um só sujeito pode incorporar. Mesmo assim, para melhor compressão de nosso estudo recorremos ao dicionário Aurélio *online* e verificamos que identidade pode ser:

Qualidade de idêntico. Paridade absoluta. Circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja. Circunstância de um cadáver ser o de determinada pessoa. Equação cujos dois membros são identicamente os mesmos.

Percebemos a existência de algumas definições para o termo e que as mesmas, de certa forma, se distanciam. E como nesta pesquisa estamos refletindo sobre sujeitos, a que mais se aproxima é a terceira definição. Isso porque como nos afirma Bauman (2005) identidade é autodeterminação, ou seja, o eu postulado. Para o autor pensar a identidade é também pensar nos vínculos que conectam as pessoas umas às outras. O habitat da identidade é o campo de batalha e assim ela só se apresenta no tumulto e nas relações que as pessoas mantem, nos papéis que elas exercem e nos momentos vividos.

Pensando assim, podemos compreender que a identidade é algo muito fluido, e como o próprio Bauman reflete é inconclusiva, seja na coletividade ou na individualidade. É uma batalha que ao mesmo tempo une e divide. Nela o sujeito se inclui, se segrega, se mistura, se completa. E assim, nessa “modernidade liquida” na qual a construção ocorre simultaneamente com a transformação existe uma infinidade de escolha de identidades, e muitas a serem inventadas, constituídas (Bauman, 2005).

Ainda na tentativa de conceitua identidade recorremos a Stuart Hall (2006, p. 08) que nos deixa claro ser o conceito de identidade “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido”. Mesmo assim, defende a identidade como surgida de nosso “pertencimento” nos aspectos culturais, raciais, linguísticos, religiosos, nacionais, etc. e afirma que pensar identidade implica em pensar a sociedade e a cultura, pois as mesmas não se separam. O autor compreende que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, e, que a sociedade moderna e suas condições estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (p. 9). As transformações vivenciadas pelos sujeitos tende a mudar “as identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (Hall, 2006, p. 9). Tudo isso, de acordo com o autor, resulta em “crise de identidade”.

Para Hall (2006), há três diferentes concepções de identidade, as quais foram vivenciadas ao longo da história da humanidade. A primeira é denominada “identidade do sujeito do Iluminismo”, que apresenta um sujeito centrado, unificado, dotado das capacidades, da razão, de consciência e de ação. Esse sujeito “individualista” apresentado pelo Hall é entendido como portador de um núcleo interior que emerge no nascimento e prevalece ao longo de todo seu desenvolvimento, de forma contínua e idêntica.

A segunda concepção de identidade apresenta o sujeito sociológico que reflete a crescente complexidade do mundo moderno. É autônomo e autossuficiente. Formado entre o eu e a sociedade através de um diálogo contínuo tanto com o mundo exterior como com o mundo interior, assim, o mesmo se constitui na interação com a sociedade se tornando parte de um todo.

A última concepção de identidade apresentada pelo autor é a do sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente. Na pós-modernidade “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Para o autor é notório que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Nessa multiplicidade de significados e representações desse sujeito pós-moderno percebemos que a identidade está relacionada ao caráter de mudança, da temporariedade, da incerteza, do deslocamento, da imprevisibilidade, da inconstância e da constante e contínua transformação do sujeito.

Parece-nos que isso é também resultado da sociedade moderna que está em mudanças rápidas e permanentes. A “modernidade tardia” tem sido uma forma reflexiva de vida, na qual as práticas sociais são reformadas e as identidades substituídas dependendo do momento que está sendo vivenciado pelo sujeito. Cada indivíduo representa vários papéis sociais. E nesse movimento, nessa mutação surgem novas identidades num processo de fragmentação moderno. E assim, nessa modernidade “tudo que é sólido se desmancha no ar” (MAX E ENGELS, 1973, P.70). É fato que nesse cenário globalizado que nos envolve atualmente estamos vivenciando uma série de mudanças estruturais que desestabilizam as referências que de modo geral oferecia aos sujeitos certa estabilidade.

Vale ressaltar que não temos pretensão de esgotar ou mesmo encerar o assunto aqui. Temos consciência de se tratar de uma temática complexa e extensa discutida por vários outros autores aqui não citados, o que nos ofereceria ainda muito embasamento para nossas reflexões. Entretanto, considerarmos que nosso propósito, neste trabalho, é apresentar uma noção do conceito de identidade e comprimo-o com os autores e concepções aqui discutidas.

**3 O PROGRAMA BALE E O BALE-FRUP**

O Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE vem atuando na região do médio-oeste potiguar com atividades que objetivam o incentivo a leitura, a formação e auto-formação de leitores, a fim de despertar o prazer pela leitura de forma lúdica, e poder contribuir para a democratização do acesso aos livros àqueles marginalizados pela sociedade, em que bens preciosos como educação, cultura, esporte, lazer, lhes são faltosos. Assim, com o intuito de democratizar o contato com o livro literário nesse local escasso de projetos voltados ao incentivo às práticas leitoras o referido programa surgiu em 2007, através professora Doutora Maria Lucia Pessoa Sampaio e a colega Renata Mascarenhas, ambas professoras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, as quais foram contempladas com o edital Programa BNB de Cultura/200 e começam a realizar atividades de contação e recontação de histórias nas escolas e bairros carentes na cidade de Pau do Ferros, sede do Campus do UERN que atuam. A partir de então as atividades foram institucionalizadas na PROEX, como uma das ações de extensão da UERN (Sampaio, 2012).

Atualmente o Programa BALE apresenta-se como uma iniciativa que engloba um trabalho sistemático com a leitura e literatura nos municípios de Pau dos Ferros e circunvizinhos desde 2007, já que em 2012, se expandiu para Umarizal, em 2013 para Frutuoso Gomes e em 2014 para Patu, surgindo assim o BALE-FRUP que desde 2012 é coordenado e supervisionado pela Professora Doutoranda Maria Gorete Paulo Torres que atendeu um convite de sua então orientadora a Professora Doutora Maria Lúcia Pessoa Sampaio.

Ainda na 6ª edição o BALE-FRUP abriu portas para que os alunos do Núcleo Avançado de Ensino Superior de Umarizal – NAESU, do C*ampus* Avançado Maria Eliza Albuquerque Maia – CAMEAM/UERN, pudessem ingressar em atividades de pesquisa e extensão voltadas para a área da leitura. Nessa época, a equipe do BALE em Umarizal era formada por uma coordenadora, um bolsista e também dezoito voluntários do meio acadêmico e da comunidade.

O programa atendia principalmente a Escola Municipal Tancredo Neves, onde funciona o Núcleo Avançado de Ensino Superior – NAESU, mas também recebia outros convites da comunidade Umarizalense. Apesar do BALE desenvolver atividades para os mais variados públicos, nessa edição o alvo era o infantil, tendo em vista que as atividades eram voltadas para o ensino fundamental I da referida escola.

No ano de 2013 e início de 2014, o programa encontrava-se em sua 7ª edição com a iniciativa “Ponto BALE – CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação): entre canteiros da leitura e produção” através do Programa de Integração da Ciência, Tecnologia e Inovação com a Educação Básica - Pontos de CTI-EB, com a parceria do CNPQ/CAPES.

Assim, o programa passa a atuar na Escola Estadual Ivonete Carlos em Frutuoso Gomes-RN, onde agiu durante dez meses. A equipe contava com uma coordenadora, já citada anteriormente, cinco bolsistas do ensino superior, alunos de graduação do curso de Letras do NAESU/CAMEAM/UERN, oito bolsistas do ensino médio da referida escola, e dez voluntários, tanto do ensino médio como do superior e também da comunidade frutuosogomense e vizinhas. O objetivo era fazer com que os alunos do ensino médio pudessem desenvolver a escrita e a oralidade através da literatura, cinema, teatro, leitura e produção textual.

No final do ano de 2015 o Programa abre inscrições para os alunos dos Cursos de Letras e Pedagogia do Campus Avançado de Patu – CAP/UERN, situado na cidade de Patu – RN, assim, o BALE-FRUP passa a atuar com voluntários desses cursos, além dos já mencionados, bem como atuar nas cidades já mencionadas.

Atualmente o BALE-FRUP tem uma equipe 14 pessoas na cidade de Frutuoso Gomes, sendo 02 delas bolsistas do Ensino Médio e os demais são voluntários. Conta com a parceria da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do referido município.

Vale destacar que o Programa (seja o BALE equipe de Pau dos Ferros, Coordenada pela professora Lúcia Sampaio, ou o BALE-FRUP, Coordenado pela professora Gorete Torres, ou as demais equipes), tem realizado um trabalho que engloba literatura, teatro, contação de histórias, poesias e muitas outras atividades de incentivo a leitura. Trata-se de uma ação extencionista do *Campus* Avançados Prof.ª Maria Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como bem frisa a professora Lúcia Sampaio, com seriedade e o compromisso com o público que atende. Os encontros realizados nas comunidades, escolas e qualquer outra instituição são cuidadosamente estudados e preparados pelas equipes baleanas. É importante também ressaltar que pesquisas, de caráter cientifico, são realizadas divulgadas em eventos acadêmicos. O Programa desenvolve suas ações contando com apoios financeiros externos conquistados por meio de editais.

**4 AS IDENTIDADES BALEANAS**

**4.1 O eu que apresento e o eu percebido pelo outro**

Como já ressaltamos anteriormente esta pesquisa tem como *corpus* dois memoriais de voluntários do BALE-FRUP. O primeiro baleano eleito (chamado de Pequeno Príncipe) é um adolescente de 13 anos de idade, estudante do Ensino Fundamental de escola pública. O pequeno príncipe é voluntário do programa desde a 6ª edição, na época ainda criança, “acompanhava todas as atividades e se deleitava com as leituras, contações de histórias e recontações. Tentava participar de todas, mesmo sabendo que tinha que dar oportunidade aos outros, porque nem sempre as atuações convinham para crianças” (O PEQUENO PRINCÍPE, 2018). Trata-se de um adolescente de família estruturada. O pai é professor, a mãe assistente social e a irmã mais velha Engenheira Cívil. No memorial do adolescente ele deixa claro que os mesmos acompanham sua vida estudantil e todos se empenham em seus estudos e compreendem a importância da leitura.

O segundo baleano (chamado de Visconde de Sabugosa) é um jovem de 22 anos de idade, estudante do Curso Técnico de Enfermagem e cursinho preparatório para o ENEM. Já concluiu o Ensino Médio e tem como meta cursar medicina. Já conseguiu algumas bolsas para cursar uma faculdade, mas prefere estudar para cursar medicina. Filho de pais separados, foi criado pela mãe, a mesma com Ensino Fundamental incompleto, dona de casa e “casada com um senhor bem mais velho que ela, vivendo apenas do salário do referido senhor que é aposentado”. (VISCONDE DE SABUGOSA, 2018).

Trata-se, na atualidade, de um jovem que trabalha de dia e estuda a noite, com o intuito de “subir na vida”. Parece notório que sua família não compreende, de fato, a verdadeira importância da escola e consequentemente da leitura. Diz o jovem:

Mandavam-me para escola porque sabiam que era a obrigação da família e também porque queriam que eu aprendesse a ler, mas na verdade, com o passar do tempo passei a entender que não acreditavam em minha capacidade. Não me acompanhavam nos deveres de casa e não me incentivam a leitura, só diziam que eu precisava ler (VISCONDE DE SABUGOSA, 2018).

Fica claro assim, que essa família pouco acompanhava a vida estudantil do jovem e quase não contribui com sua formação leitora, mesmo tendo certa noção que para sobreviver dignamente na sociedade competitiva precisamos de leitura, escola, saber.

**4.2 BALE-FRUP: representações, transformações e fluidez**

**4.2.1 As identidades do Pequeno Príncipe**

Nosso trabalho tem como objetivo principal analisar as possíveis identidades leitoras dos sujeitos do Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas/BALE, mais designadamente na equipe da cidade de Frutuoso Gomes, ou seja, do BALE-FRUP, procurando considerar o processo transformativo que esses sujeitos vivenciaram durante suas participações em ações de mediação de leitura no programa. Especificamente verificamos como os sujeitos de definiam, em relação à leitura antes de entrarem no programa e depois de participarem de ações realizadas pelo BALE-FRUP. Nosso *corpus* se constitui de dois memoriais de leituras, para tanto nos debruçamos nos memoriais construídos por dois baleanos. Iniciamos tentando compreender as identidades não leitoras e leitoras expostas no memorial do Pequeno Príncipe, em seguida faremos o mesmo com as do Visconde de Sabugosa.

Assim, verificamos que antes de participar das ações de leitura do BALE-FRUP o Pequeno Príncipe era um sujeito que não gostava de ler, embora sua família “cobrasse” a leitura diariamente. O baleano diz que ao invés de leitura “preferia ficar jogando bola, pulando, tocando, assistindo desenhos”. Parece que a leitura na vida desse sujeito ocupava um lugar esquecido, pois o mesmo confessa que antes do BALE “não queria saber de livro” e mesmo tendo uma família que cobrava a leitura do Pequeno Príncipe percebemos que as iniciativas dos membros daquela família não surtiam grandes efeitos. Encontramos aqui um sujeito que se apresenta com uma identidade não leitora e que os aspectos externos a família influenciam de maneira significativa em sua constituição.

O baleano relata o fato de sua mãe sempre dizer “pegue um livro na biblioteca da escola e vá ler” não o influenciava na leitura, pois “sempre preferia outras coisas sempre esquecia” e “ela continuava cobrando”. Quanto ao pai, o Pequeno príncipe relata: “um dia meu pai pegou um livro na biblioteca e trouxe para eu ler, mas era muito grande, não tinha figura” de forma bastante mecânica o baleano confessa que leu o livro, mas não achou interessante e diz: “eu li obrigado e até hoje não sei o que dizia o livro”. Isso se sucedeu algumas vezes, o Pequeno Príncipe ia à biblioteca, “pegava livros levava para casa, às vezes chegava a ler por completo, principalmente se fosse quadrinhos, porque tinha desenhos, às vezes não conseguia terminar, mas dizia que tinha terminado”. Agindo dessa forma conseguiu agradar os pais que achavam que lia constantemente.

Segundo o baleano a “mãe viajava muito e trazia de presentes livros infantis”, mas para ele o fato de ter livros a sua disposição não foi o suficiente para se constituir leitor. O mesmo afirma: “Continuei preferindo a televisão”. Percebemos uma negação do Pequeno Príncipe em se apresentar para a família como realmente ele era. Ele apresenta-se para os pais como um sujeito que lia constantemente, embora isso não fosse à verdade.

Dando continuidade a seu memorial o baleano relata um fato que nos chama atenção e decidimos registrar de maneira completa aqui, vejamos:

Nessa trajetória com a leitura sem gostar, minha tia me convida para participar do Programa BALE-FRUP, eu logo pensei: Mais leitura, não vou! Minha irmã já participava. Minha tia começou e me contar como eram as atividades. Comecei a ficar prestando atenção a minha irmã a decorar poesias para recitar nas atuações do programa. Era encantador. Ela recitava, gesticulava... pensei: preciso sentir esse sabor. E assim, passei a pesquisar poesia e a tentar decorar. Assim, conheci a melhor leitura: a poesia (O PEQUENO PRINCÍPE, 2018).

Verificamos que o sujeito pesquisado se apresenta inicialmente com uma identidade não leitora, mas com a convivência com pessoas leitoras o Pequeno Príncipe inicia um processo de transformação de sua identidade. É através do sentimento de curiosidade despertado e da vontade de participar do “sabor” demonstrado pela outrem que esse sujeito decide experimentar. Podemos dizer que nesse momento de sua vida o mesmo encontra-se no “entre-lugares” defendido por Bhabha (2013, p. 20), como “[...] terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Dando continuidade ao seu memorial o baleano diz: “nas primeiras experiências tive vergonha, mesmo tendo ensaiado bastante, mas o prazer que senti superou o outro sentimento”. Segundo o pesquisado, depois das primeiras experiências “todos os dias procurava novas poesias, pois queria estar sempre com uma decorada para apresentar quando necessário”. Verificamos aqui a necessidade de um sujeito em apresentar uma identidade “ideal” para o outro. Talvez por isso o sentimento de vergonha e a vontade de estar preparado para as apresentações.

Motivado pelo desejo de estar preparado para instigar a leitura no outrem (um dos propósitos do BALE-FRUP) o Pequeno Príncipe passa a ser um leitor assíduo, lendo todo dia várias poesias. Foi nesse trajeto que o mesmo encontrou o poeta Braulio Bessa que o ajudou com suas poesias. A partir de então não sentia mais vergonha em recitar poemas, ao contrario “queria dividir com os outros o que lia”.

Parece-nos que nesse processo transformativo ocorreu de forma rápida, deslocada, descentrada, e, como nos afirma Hall (2006) abalando a ideia que o sujeito tem dele mesmo, considerada pelo autor como “perda de sentido de si”. Assim, nesse deslocamento, nessa fluidez o Pequeno Príncipe chega a uma identidade leitora, ou pelo menos tem a preocupação de apresentar essa identidade aos leitores de seu memorial.

No decorrer de sua narrativa, o baleano pesquisado vai nos mostrando a importância do contato com o outro e com as chamadas comunidades (sejam elas culturais, sociais, etc.) para a construção desse sujeito leitor. Podemos reafirmar isto com a fala do pesquisado quando diz

O gosto de ler, ler por prazer foi surgindo aos poucos na minha vida de baleano, em cada atividade realizada no BALE-FRUP, em cada história contada e muitas vezes encenada. Passei a pesquisar histórias e a decorar também, porque sabia que a cada momento os convites chega e temos que estar preparado para recitar e satisfazer os meninos, os velhos e a minha tia. Isso tudo porque nas reuniões sempre refletia o bom da leitura, da contação, da poesia e me espelhava nas pessoas para fazer direito também.

Entendemos através das palavras do baleano o quanto a comunidade a qual ele participa conseguiu influenciar na transformação da identidade do mesmo. Chegando a uma identidade leitora, com já havíamos colocado anteriormente.

Destarte, podemos compreender que o Pequeno Príncipe nessa rápida trajetória narrada no seu memorial, nos apresentar identidades diferentes. No primeiro momento se apresenta com um sujeito não leitor, mesmo tentando convencer os que os rodeia que lia. Em convivência com outros grupos, outras pessoas, passa a ser transformado, vivenciando entre-lugares e se constituído um leitor. Temos assim, num curto decorrer de tempo e espaço a identidade considerada como não leitora e a identidade considerada leitora.

**4.2.2 E o Visconde de Sabugosa quais identidades nos apresenta?**

Visconde de Sabugosa, o outro baleano colaborador de nossa pesquisa, deixa claro, em seu memorial, que antes de ingressar no programa BALE-FRUP não se definia como um sujeito leitor, nem mesmo a família percebia essa identidade leitora nele. Segundo ele a leitura fazia parte de sua vida de maneira muito superficial e diz: “fora os conteúdos da escola, não trago na memória atividades de leitura, principalmente ter lido por prazer. Ler um livro inteiro? Não lembro ter realizado tal atividade.”

Notamos que as leituras feitas por Visconde de Sabugosa eram as pedidas/exigidas pela escola. O mesmo afirma que “Lia na escola para aprender a ler, mas quando chegava em casa não lembrava o que tinha lido. Tentava ler para fazer as atividades de casa, mas também não sabia direito o que estava lendo”.

O baleano nos esclarece em seu memorial que sua família nunca acreditou em sua capacidade, chegando a afirmar: “parece que eles achavam que eu era uma criança que não ia vencer as dificuldades. Custei a aprender a ler e por esse fato, minha avó, minha mãe, diziam: esse menino não tem jeito”. O mesmo ainda acrescenta: “nessa peleja chego ao Ensino Médio, confesso que nessa trajetória de leituras sem significados, vou de recuperação em recuperação, de reprovação a reprovação e chego ao Ensino Médio, com toda a desmotivação possível”. Segundo o pesquisado, a escola passou a ser um lugar de “diversão, de passeio, de amizades, mas de pouca aprendizagem” e o mesmo ia à escola para “encontrar os amigos”. Já no Ensino Médio chegava a visitar a biblioteca, “não para ler, mas para gazear aulas e lá ficar com os colegas conversando”.

É visível, em todo o memorial do Visconde de Sabugosa, a apresentação de um sujeito desmotivado, não somente em relação à leitura, a escola, suas atividades, mas também com a vida. Essa identidade de sujeitos sem sonhos, deslocado, vulnerável fez parte da constituição do baleano por muito tempo. Parece que as pessoas que o rodeava, as comunidades a que pertencia o influenciava “negativamente”, contribuído assim, para a construção de uma identidade volúvel, despreocupada com os estudos, a leitura e o futuro.

No memorial de Visconde de Sabugosa, ele narra com clareza sua entrada no BALE-FRUP, os momentos de entre-lugares como diz Bhabha (2013), e seu encontro com a leitura o que contribui para a constituição de uma identidade leitora. Por ser um pouco extensa fizemos alguns recortes, mas trazemos aqui as partes principais.

Vi o edital do BALE-FRUP no quadro de avisos da escola. Pensei vou me inscrever. Fui falar com a coordenadora. Ela não acreditou, mas disse que eu podia me inscrever. Fui logo barrado pela nota de português e ela disse que eu não iria fazer a entrevista. Mesmo assim aquele desejo ficou no meu coração. Me disseram que podia participar como voluntário. Fui falar novamente com a coordenadora, ela disse: tem certeza? No outro dia me chamou para uma conversa particular. Essa conversa durou muito tempo e ela disse que para participar do programa precisava deixar de ser aquele tipo de aluno. Eu gazeava aula, ficava nos corredores, atrapalhava os professores, perturbava na cozinha, derramava merenda, sem falar que não fazia nenhuma atividade de sala, nem muito menos de casa. Ah, não lembro se alguma vez antes do BALEFRUP tinha passado por média. Quando ela me disse isso eu pensei. Vou agarrar essa oportunidade. Então disse eu garanto.

Notoriamente, temos um jovem apresentado algumas identidades de se mesmo. Identidades essas que geralmente no contexto escolar e até social são discriminadas, deixadas à margem, podendo até dizer que não são aceitas em determinadas situações. A sociedade moderna tem criado “estereótipos ideais”, aquele que na concepção de muitos são os sujeitos adequados, os sujeitos de destaque. Parece-nos que o Visconde de Sabugosa não era o “tipo” de identidade almejada pelo programa.

Entretanto, ao continuar verificando o memorial percebemos que a conversa citada acima pelo baleano “sutil efeito”. O mesmo afirma:

A partir daquele dia resolvi mudar, não sabia como. Mas, queria. Comecei me comportando bem nas aulas e realizando todas as atividades que os professores passavam. Iniciamos os encontros do BALEFRUP e começamos a ler nesses encontros e levarmos leituras para casa. Lia e algumas vezes não sabia o que estava lendo. No próximo encontro quando discutíamos o que tínhamos lido era muito bom tudo clareava.

A fala do baleano mostra um sujeito aparentemente consciente da necessidade e possibilidade de mudança. Ele próprio almeja a transformação e voluntariamente vive momentos de entre-lugares e a perda de sentido de si (HALL, 2006). Ora o sujeito não leitor, ora o sujeito que quer se tornar leitor. Ora um sujeito discriminado, sem intenções de “crescimento” de mudanças, de ascensão. Ora aquele que sabe das exigências sociais e que pretende participar das ações coletivas e ser visto como leitor responsável e proficiente, mas que para isso precisa da ajuda, do apoio do outro.

O pesquisado passa a aproveitar o tempo livre de casa e na escola. O mesmo resgata de sua memória os momentos “que ao invés de ficar perturbando na cozinha, batendo porta dos banheiros, fazendo barulho nos corredores ia para a biblioteca, não para conversar, mas ler. Agora era exemplo, era baleano. E assim, aos poucos ia descobrindo o bom da leitura”.

Percebemos que ao ser mediado, incentivado o Visconde de Sabugosa passa a trilhar novos caminhos construindo uma nova identidade. Ao ser instigado a ler pela nova comunidade a que pertence esse sujeito agora pode ser considerado leitor e trilha caminhos da descoberta, de novas sensações, de novos mundos, de novos horizontes. Depois com o processo de leitura em pleno vapor, o mesmo vai percebendo que todos esses sentimentos o conduzem ao aprendizado, ao crescimento intelectual, social, educacional. A voz de Visconde de Sabugosa, afirma isso quando diz: “fui descobrindo as coisas nas leituras que realizava e quando não realizava descobria através da fala da coordenadora e dos outros baleanos que liam e entendiam mais do que eu. E essas coisas que eu aprendia eram diferentes, eram melhores”.

O tempo foi passando e foi chegando o final do ano letivo, o baleano afirma que “já tinha lido vários livros, apresentados peças nas escolas, recitado poesias, ido a várias reuniões” e para surpresa de muitos da escola “pela primeira vez” o Visconde de Sabugosa foi “aprovado por média, em todas as disciplinas, inclusive em Português, disciplina que achava muito difícil”. Ele relata ainda que: “Nem tinha percebido, mas uma vez em conversa com a coordenadora ela disse que eu hoje era outra pessoa, outro aluno e que todos os professores e funcionários elogiavam minha mudança”. É notório nessa fala o orgulho desse sujeito em apresentar outra identidade, não só uma identidade leitora, mas uma identidade aceita, elogiada pelo outro, pela comunidade.

Portanto, é interessante perceber algumas identidades apresentada pelo Visconde de Sabugosa em seu memorial. Temos o sujeito não leitor, o aluno que aparentemente não gosta de estudar, o jovem que “perturba” a todos na escola, o filho que não se sente motivado, o sujeito que passa por vários lugares e almeja a transformação, e por fim, o sujeito leitor que se deixou constituir pelo contato com o outro. E assim, como a modernidade tardia vai se transformando em uma rapidez e fluidez que jamais será estanque.

CONCLUSÃO

Por compreendermos que estamos vivenciando uma modernidade tardia, na qual um único sujeito pode apresentar várias identidades momentâneas e essas identidades são constituídas através do espaço e do tempo é que resolvemos realizar esta pesquisa, a qual nos proporcionou algumas reflexões e/ou achados que, brevemente, expomos aqui.

Primeiro, os resultados apontaram para a existência de algumas identidades apresentadas pelos sujeitos pesquisados. De um modo geral os dois memoriais nos traz a compreensão de que antes de ingressarem no BALE-FRUP, tanto o Pequeno Príncipe, como o Visconde de Sabugosa eram constituídos por identidades não leitoras. Ou seja, esses sujeitos não realizavam a leitura por prazer e quando liam era de forma decodificada ou com o objetivo de realizar alguma atividade exigida pela comunidade ou mesmo pela família.

Verificamos ainda que, no caso do primeiro pesquisado (o Pequeno Príncipe) ele se esforçava para apresentar para os pais uma identidade leitora, mas que na verdade se tratava de uma identidade falsa criada pelo sujeito para agradar o outro. Na verdade ele não lia e quando lia não conseguia construir sentidos para a leitura.

O Visconde de Sabugosa por sua vez, tinha uma identidade não leitora e não se esforçava para que essa identidade não aparecesse, na verdade ele a deixava transparecer em todas as situações vivenciadas. Em seu memorial ele consegue expor várias identidades (filho desmotivado, aluno que aparentemente não gosta de estudar, o jovem que “perturba” a escola inteira, sujeito que almeja a sua própria transformação), como já foi ressaltado anteriormente. As mesmas parecem ser frutos de uma sociedade de exclusão, que não se importa com o outro e com as consequências de suas atitudes.

Com o ingresso no programa BALE-FRUP e as participações em ações de mediação de leitura desenvolvidas, aparecem sujeitos (O Pequeno Príncipe e o Visconde de Sabugosa) que estão em entre-lugares, passando pelo processo de transformação de identidades e no decorrer dessas atividades se constituem como sujeitos leitores.

Destarte, compreendemos que o programa BALE-FRUP, pode ser considerado uma comunidade que contribui para a formação de identidades leitoras, através das ações realizadas e do incentivo a leitura. É se preparando para instigar a leitura no outro que o sujeito baleano tem se formado e se constituído leitor.

Esta discussão não se esgota aqui, muito ainda podemos refletir tanto sobre o Programa BALE-FRUP, como sobre identidades, ou mesmos sobre a formação de identidades leitoras. Mas, Precisamos deixar claro que compreendemos ter dado conta do nosso objetivo de pesquisa, não com verdades absolutas, mas com entendimentos e reflexões para o momento.

**6 REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi k. **O local da Cultura**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.